

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
3 e 10 de Setembro de 2021
O CINEMA DE VICHY – A FRANÇA OCUPADA (1940-44)

IMAGES ET PAROLES DU MARÉCHAL PÉTAÏN / 1940

Um filme de um realizador anónimo

Diretor de fotografia (35 mm preto & branco): Noël Ramette / *Com as presenças de:* Philippe Pétain e outros.

Produção: Secretariado-Geral da Informação, para a série “La France en Marche” / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 19 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 3 de Outubro de 2009, no âmbito da rubrica “História Permanente do Cinema”.

Images et Paroles du Maréchal Pétain é apresentado com **Le Corbeau**, de Henri-Georges Clouzot (“folha” distribuída em separado).

*É impossível que o Marechal Pétain não tenha pensado
durante um segundo, durante um quarto de segundo,
em arrasar totalmente Nova Iorque.
Pois bem, faça-o, meu general
e reconstruiremos outra cidade, sabe de quê?
O senhor nunca adivinharia. De vidro, de vidro!
Fernand Léger, “New York”, 1931*

Depois de nove meses de uma guerra sem guerra, em que Adolf Hitler, segundo as suas palavras, deixava “o magnífico exército francês apodrecer aonde está”, a França foi vergonhosamente batida por uma fulminante ofensiva militar e cedeu politicamente de maneira ainda mais vergonhosa. Enquanto a metade norte do país ficava diretamente sob a tutela alemã, a metade sul era governada por um governo francês fantoche. Este foi instalado em Vichy aparentemente por duas razões principais: é uma cidade pequena, menos propensa a eventuais convulsões sociais do que uma cidade industrial como Lyon ou um porto como Marselha e, por abrigar as termas mais célebres de França, dispunha de muitos hotéis onde era possível instalar os membros do governo e as suas equipas. O facto de Vichy ser uma cidade pouco importante também sublinhava a pouca importância daquele governo aos olhos dos alemães. Foi escolhido para o cargo de Chefe de Estado Marechal Philippe Pétain, de 85 anos de idade e a escolha foi corroborada pela Assembleia Nacional (alguns deputados ousaram não votar nele), “herói” da Primeira Guerra Mundial, durante a qual tinha boa reputação entre os soldados por não mandá-los inutilmente serem massacrados. Por ser um ancião e ser chefe de Estado num sistema parlamentar, Pétain também tinha a função de dar a impressão de que estava acima das lides da política e que encarnava a nação. À volta do ultra-conservador marechal, arranjavam-se os membros classe política e os altos funcionários. Na alocução em que reconhecia a derrota e pedia aos franceses, “com o coração apertado”, que não fizessem qualquer resistência armada, Pétain declarou que o país fora vencido “porque o espírito de prazer se sobrepôs ao de sacrifício” e que seria necessário pagar “com sofrimento”. Não há dúvida de que nos quatro anos que se seguiriam os franceses conheceriam muito mais sacrifícios e sofrimentos do que prazeres e o Marechal talvez visse benefícios morais nesta maceração cristã. Este filme, realizado nos primeiríssimos tempos da Ocupação, destinava-se, sem a menor dúvida, a ser apresentado nos cinemas na primeira parte do programa, que era composta por atualidades, filmes de propaganda e *trailers* das próximas longas-metragens a serem distribuídas.

Images et Paroles du Maréchal Pétain é um exemplo perfeito da imagem tranquilizadora de pai da Nação (“*fiz dom da minha pessoa à França*”) que a propaganda dava ao admirador de Salazar que era o Marechal Philippe Pétain. O título do filme já conota a veneração pelo velho militar que o regime tentava inculcar na população e indica que vamos ouvir algumas palavras e ver algumas imagens do Marechal Pétain no seu dia-a-dia, como se tivéssemos o privilégio de entrar na intimidade de um grande homem. E de facto, depois de fotografias de Pétain durante a Primeira Guerra Mundial, vemos a vasta vivenda onde ele vivia a sua reforma, o seu jardineiro e a apanha da azeitona na região. A sua carreira é recapitulada, entremeada naturalmente com algumas grosseiras mentiras, como que para justificar a sua escolha para o papel de salvador da pátria. De modo verdadeiramente didático, chegamos ao presente: a ida diária a pé da “*silhueta juvenil*” de 85 anos entre o hotel onde vivia e a sede do governo. As más-línguas em Vichy diziam que Pétain tinha uma hora de lucidez por dia. A ser verdade, foi nesta hora que o apanharam para a cena em que o vemos no seu gabinete. Com bastante à vontade para um homem da sua geração (tinha quarenta anos quando o cinema foi inventado), Pétain improvisa um diálogo com um dos seus colaboradores. Depois, é uma sucessão de apertos de mão a camponeses, crianças e veteranos de guerra, visitas a casebres e oficinas, enquanto o narrador (que imita ou absorveu o modo de falar de Pétain) explica algumas das suas ideias: “*o primeiro dever é obedecer*” para poder regenerar a “*nossa raça*” e para isso não pode mais haver “*ensino sem Deus*”. A imagem de bom avozinho da sinistra criatura é um pouco alterada no desenlace, que mostra uma manifestação de apoio à sua figura. Uma multidão de homens com medalhas faz a saudação fascista, dá vivas a Pétain e faz um juramento. Não é difícil imaginar em que tarefas estes homens foram utilizados. Depois de uma desafinadíssima *Marselhesa* e mais vivas a Pétain, a última imagem resume todo o filme: uma medalha com o perfil da múmia, que ainda seria aclamada por uma multidão parisiense pouco tempo antes da libertação da cidade.

Antonio Rodrigues